

> Sobre memória e consciência

> On memory and conscience

por Ana Rieger Schmidt

Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em História da Filosofia Medieval pela Universidade de Paris-Sorbonne IV. E-mail: ana.rieger@gmail.com. ORCID: 0000-0001-6969-2867.

por Mitieli Seixas

Professora Adjunta do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2016), com período sanduíche na University of California - Berkeley. Durante seu Mestrado em Filosofia Francesa e Alemã (2011), obtido pelo Programa Master Erasmus Mundus, estudou na Université Catholique de Louvain, na Begische Universität Wuppertal e na Université du Luxembourg. Docente Orientadora do Programa de Residência Pedagógica (Edital Capes, 2020-22) e concentra sua pesquisa na história da filosofia moderna, em especial, na inscrição da experiência como uma fonte de conhecimento para Émilie du Châtelet. E-mail: mitieli.silva@ufsm.br. ORCID: 0000-0003-0492-2072



Reescrever o cânone, buscar novas narrativas e problematizar relações de gênero a partir do olhar e da obra de mulheres artistas, filósofas e intelectuais impõe reconstruir aquilo que recebemos como sendo a história. Este empreendimento, ainda hoje considerado menor, utópico ou mesmo intolerável, não é possível sem autoconsciência e memória.

Primeiramente, porque a história não é apenas sobre o passado, mas também sobre o tempo presente e sobre como imaginamos o futuro. Podemos

dizer que o modo como entendemos o passado é, em certa medida, o resultado de uma projeção a partir de categorias atuais. De modo semelhante, o passado das futuras gerações é consequência da história que contamos hoje. Assim, se a história é o resultado de uma construção bidirecional a partir do presente, ela depende, portanto, daquilo que conscientemente escolhemos como fazendo parte de sua representação.

Em segundo lugar, para além daquilo que está “do lado da subjetividade”, isto é, nossa própria consciência enquanto individualmente considerada, para erigir e deixar lastro histórico encravado no presente é necessário igualmente extrair, desencavar e trazer à tona fragmentos de uma memória coletiva. Nesse aspecto em particular, a história é moldada a partir daquilo que – seja por nossas próprias mãos ou como herança recebida – conseguimos assentar como memória. Seus fragmentos materiais incluem os relatos orais, os cânticos, as orações, mas também as cartas, os ensaios, os romances, as pinturas, as fotografias, as manifestações musicais e performáticas e tudo o que conseguirmos resgatar e estabelecer como registro da presença das mulheres no passado. Construir a memória coletiva implica, assim, o esforço conjunto de busca e reunião desses registros.

Tanto o convite para a tomada de consciência individual quanto o exercício de construção da memória coletiva aparecem nos esforços imagéticos e textuais acolhidos neste dossiê.

No primeiro caso, as contribuições se concentram sobre dois eixos do pensamento feminista e seus desdobramentos teóricos e artísticos: por um lado, a denúncia de relações assimétricas de poder entre os gêneros que têm o patriarcado como elemento estrutural; por outro, a ampliação das implicações

políticas do movimento feminista através dos recortes de classe e raça. Sabemos que a recusa a uma definição única deu ao feminismo um caráter sistemático de alargamento de sua agenda para abarcar uma gama cada vez maior e mais diversa de vozes, assim como permitiu a reivindicação pelo engajamento na ação de diferentes gerações e atores sociais. Preocupações com igualdade social e liberdade sobre os próprios corpos foram complexificadas através de uma maior compreensão dos privilégios, da sexualidade e da identidade de gênero. Nos meios acadêmicos, nunca houve uma demanda tão intensa e efervescente de reflexão e ação, evidenciada pela grande variedade de temáticas e conceitos ora explorados.

No segundo caso, reunimos contribuições que visam a denunciar um longo período de apagamento da presença de mulheres nas diferentes esferas da cultura e do conhecimento. Essa denúncia, por excelência, um movimento negativo, serve como força motriz para o movimento positivo de reapropriação e reconstrução de narrativas esquecidas, apagadas ou simplesmente negligenciadas. Nesse espírito, as colaborações aqui divulgadas apresentam tanto a vida e a obra de mulheres, como discutem, do interior de seus conceitos, sua própria condição de silenciamento. Ora, desafiar os cânones da filosofia, da literatura e da arte requer o trabalho constante de resgate e preservação concreta desses registros. E, assim, recuperar e reconstruir a memória coletiva pela tradução, resenha, escrita, fotografia e corpo das mulheres é um dos objetivos deste dossiê. A aposta é que os registros materiais, as vozes, os textos, as obras e as ações das e sobre as mulheres sirvam como elementos fundamentais para assentar aquilo que deixaremos para as futuras gerações como história.

Partindo da breve apresentação dos registros reunidos, convidamos as leitoras e os leitores a considerar as seguintes contribuições, localizadas no eixo das múltiplas facetas dos feminismos, enquanto elas postulam a necessidade da tomada de consciência histórica.

Em **Epistemologia Feminista**, Gisele Secco e Rafaela Vaccari traduzem para o português o verbete de Marianne Janack na *Internet Encyclopedia of Philosophy*. Janack fornece um mapa dos principais desenvolvimentos nessa área que incorpora em suas análises o uso da noção de gênero como categoria de análise das modalidades de conhecimento. O objetivo é problematizar as noções de racionalidade e imparcialidade e o modo como são empregadas em projetos epistemológicos tradicionais. Constatase, assim, que a produção de conhecimento não apenas não é neutra quanto às relações de gênero, mas possui uma natureza eminentemente moral e política.

Categorias de opressão são igualmente problematizadas por Paula Silveira-Barbosa e Julia Aleksandra Martucci Kumpera em **Monique Wittig – breve histórico da trajetória intelectual e política de uma lésbica**. Para a romancista e ativista francesa, heterossexualidade e homossexualidade constituem categorias políticas que permitem denunciar o controle social e a violência dos corpos fundadas no sexo. Em sua análise crítica, as mulheres lésbicas lutam para definir sua própria identidade, em conflito com a hegemonia *straight* que não as reconhece como mulheres. Esse sistema que subjuga as mulheres lésbicas decorre diretamente de outro sistema de dominação anterior: o sexismo.

Vanessa Rebesco, em **Os espaços público, privado e doméstico: algumas contribuições e problematizações dos estudos feministas a partir dos anos 1960**,

percorre as diferentes definições sobre os espaços público e privado através do tempo até os textos feministas dos anos 1960. Apoiada nos filósofos Jürgen Habermas e Hannah Arendt, a autora pode aprofundar a crítica das dinâmicas de opressão sofrida pelas mulheres nos espaços domésticos e sua exclusão da esfera pública.

O ensaio visual **Da janela à moldura**, de Ana Carolina Tavares Sousa, apresenta o silenciamento das mulheres representado pelo literal apagamento de seus retratos. As pinturas trazem mulheres em situações de introspecção e solidão, confinadas em ambiente doméstico, circunscritas aos limites do lar. Interessante observar que as obras escolhidas datam das primeiras décadas do séc. XX, momento em que as mulheres começaram a disputar o protagonismo no espaço político ocidental.

Em **A voz feminista em ação: Suzanne Lacy e Andrea Dworkin**, Mirna Gonçalves explora as contribuições da militância nas obras da artista Suzanne Lacy e da escritora Andrea Dworkin, cujos engajamentos se dão principalmente pela denúncia das diversas formas de violência e degradação contra o gênero feminino da cultura androcêntrica, presentes na prostituição, na pornografia e no trabalho doméstico. A autora traça paralelos sobre os usos que Lacy e Dworkin fazem do espaço público em suas contribuições, sejam elas visuais ou escritas.

Em **Dentro e fora**, Dani Amorim constrói um muro sólido, em tijolos e cimento, buscando erigir um obstáculo que servirá ao mesmo tempo de guarida. A artista se refere especialmente à defesa buscada por mulheres contra a violação de seus corpos. Neste ensaio metafórico, é a réplica da realidade que se destaca: o aspecto bruto e áspero do material, usualmente manipulado por homens em canteiros de obras, lembra a todas a ambiguidade da proteção.

Cleonice da Silva contribui com uma resenha de **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras, da teórica feminista norte-americana bell hooks**. A autora reflete sobre as extensões do patriarcado e os desdobramentos políticos do movimento feminista. Além dos problemas de gênero, as desigualdades sociais e seus recortes de raça. Um manifesto contra o sexismo que não se confunde com o combate à masculinidade, mas ao patriarcado. Nesse sentido, é fundamental reconhecer que muitas mulheres ocupam posições de poder e replicam atitudes opressoras que deveriam combater. Para hooks, a verdadeira sororidade pode apenas ser alcançada quando mulheres cessarem de dominarem outras mulheres.

João Pedro Cerdeira contribuiu com **Entre Simone de Beauvoir e Ana Cristina Cesar: um estudo sobre a literatura da mulher**. Apoiado em Butler, o autor coloca questionamentos acerca da possibilidade de uma “literatura feminina” para além da lógica da representação. Segundo o autor, as mesmas perguntas estão presentes em artigos do final da década de 1970 de Ana Cristina Cesar, onde a autora ressalta, por um lado, o perigo da estereotipação e, por outro, o do apagamento. Embora ocorrendo no registro da discussão do conceito de alteridade e sua importância para a demarcação do gênero, o autor mostra como os mesmos temas estão presentes na obra de Simone de Beauvoir, operando assim uma aproximação entre as autoras.

Como representantes do segundo eixo, os textos e ensaios visuais que se seguem pretendem reconstruir a história a partir da recuperação e inscrição da obra de mulheres nos cânones filosófico, literário e artístico. Esse movimento de preservação ocorre tanto ao recuperar registros da existência de mulheres em ambientes hostis quanto ao iluminar e aprofundar nosso conhecimento acerca

dessa presença. O caráter simbólico da vida e da obra dessas mulheres instrui o conhecimento e orienta a ação.

Ana Rieger Schmidt traduz o capítulo inicial do **Livro da Transformação de Fortuna** da poetisa e filósofa medieval Christine de Pizan. Pizan narra os eventos que a tornaram a primeira mulher a viver de sua pluma – história que ela conta introduzindo uma metáfora não desconhecida: a da mulher que se transforma em homem para exercer uma atividade socialmente não compatível com seu gênero. Pizan revisita seu passado criticando abertamente os costumes de seu tempo em tópicos caros às representantes do proto-feminismo, como o acesso limitado das mulheres a uma educação formal.

Em **Visões críticas sobre gênero: vozes femininas na escrita de duas poetisas mapuche**, Valentina Paz Bascur Molina discute dinâmicas de poder na sociedade mapuche através das obras das escritoras Maribel Mora Curriao e Graciela Huinao, na medida em que essas viabilizam um resgate da voz da mulher indígena. Adotando a noção de gênero como categoria de análise literária, a autora pretende apreender a cultura mapuche e superar as narrativas outrora impostas pelos colonizadores espanhóis. No período pré-colonial, as mulheres tinham grande relevância na sociedade mapuche; no entanto, as estruturas patriarcais que se impuseram acabaram por submetê-las aos espaços domésticos, provocando uma subversão nas dinâmicas de poder e de gênero que ali vigoravam.

Em **Uma reza para o que há de vir**, Marina de Moraes Taffarel e Raísa Inocência exploram a relação do feminino com a natureza e com a prática de rituais espirituais pelo diálogo e pela fotografia. Através das imagens do tarô, da invocação das entidades orixás e dos banhos de proteção são evocadas a *adivinha*,

a *médium*, a *xamã* – figuras das quais o feminismo se apropriou como símbolos de empoderamento e autodeterminação.

Em **Réflexion sur les nègres** (1788), Olympe de Gouges, traduzido por Marcelo de Sant’Anna Alves Primo, pede que a Comédie Française permita que atores negros retratem no palco sua própria condição. Nesse contexto, a intelectual aponta para a grande contradição entres os ideais iluministas defendidos no pós revolução e a manutenção da escravidão. Suas ideias abolicionistas já constam na peça teatral *Zamora et Mirza ou l’Heureux Naufrage*, de 1783, que, segundo o tradutor, abre caminho para o ingresso de Olympe na literatura e revela seu engajamento político.

A tradução de **Na sala de sessão** por Marina Pereira Penteado apresenta um conto inédito no Brasil de Lettice Galbraith. Publicado pela primeira vez em 1893, o conto retrata um recorte na vida de um ambicioso “médico de mulheres” que não mede esforços para atingir seus objetivos materiais e profissionais, mesmo que isso signifique se tornar um assassino. Neste conto sombrio de uma escritora vitoriana, vemos a destreza técnica encontrar a vivacidade narrativa.

Sabina Sebasti, em **Ni dios, ni patrón, ni marido: orígenes del ideario anarco-feminista en el Río de la Plata**, investiga o contexto do surgimento do movimento anarco-feminista na região do Rio da Prata tomando como objeto de análise o jornal *La Voz de la Mujer* – principal meio de difusão de sua ideologia. Publicado entre 1896 e 1897, o jornal é tido como a primeira iniciativa de integração de ideais feministas com a luta revolucionária levada a cabo por latinoamericanas.

Gabriela Simonetti Trevisan escreve ***A mulher e a arte: a criação feminina nas palavras de Júlia Lopes de Almeida***. O artigo debruça-se sobre o texto da escritora carioca nascida na segunda metade do século XIX, disponível integralmente pela primeira vez, para apresentar as linhas feministas do pensamento de Júlia Lopes de Almeida. Como mostra Trevisan, as críticas à condição da mulher são desdobradas em dois passos: em primeiro lugar, encontramos uma denúncia acerca do tratamento desigual dedicado às mulheres; em segundo, somos apresentadas ao necessário resgate de um elenco de artistas mulheres (poetisas, escritoras, escultoras etc.). Ao final do artigo, ficamos com a certeza da atualidade de seu pensamento.

Em **Palimpsesto e as relações de gênero em Elvira Vigna: um recurso como crítica ao patriarcado em *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas***, Lucas Gabriel Soares analisa a obra de Vigna buscando apontar em sua narrativa e nas falas das personagens elementos de sexismo e crítica ao patriarcado. Servindo-se da analogia do palimpsesto – prática medieval que consistia em raspar a tinta de um pergaminho e, aproveitando seu precioso suporte em couro, sobrepor a ele um novo texto –, o autor discute a sobreposição de narrativas e de ideias a partir de novas categorias de análise, as quais tornam possível a reescritura do discurso dominante.

Em **A interseccionalidade a partir de *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus**, Julia de Freitas Vieira e Izilda Cristina Johanson discutem como as mulheres negras são particularmente afetadas pelas estruturas sociais vigentes. Lélia Gonzales, Djamilá Ribeiro, Grada Kilomba e Angela Davis fornecem as linhas com as quais os contrastes (sala de visitas *versus* quarto de despejo, cidade *versus* favela) presentes no texto de Carolina Maria de Jesus são tecidos. Além

disso, encontraremos ao longo do artigo considerações acerca do formato *testemunho* e sua relação com o cânone literário.

A questão da reescrita dos discursos e da figuração do ser-mulher reaparece em **Pensando as figurações feministas e o devir-mulher a partir da arte**, onde Jacqueline Amadio de Abreu e Roberta Stubs abordam obras de artistas contemporâneas influenciadas pelos movimentos feministas, com ênfase na auto representação, na redefinição de seus corpos e no desafio de uma estética calcada em um universo majoritariamente masculino. Nesse contexto, as autoras se valem da noção de *devir-mulher* de Deleuze e da *estética da existência* de Foucault para entender essas transformações.

Ana Paula Penkala e Isadora Ebersol apresentam **O cinema feminino como um retrato de si: o enquadramento feminino em *Retrato de uma jovem em chamas***. Tomando o filme de Céline Sciamma como ocasião para a discussão, as autoras explicitam o poder do olhar sobre si mesmas das profissionais do cinema para contrapô-lo ao olhar patriarcal. As narrativas canônicas nas artes visuais, e com elas seus clichês do feminino, como o expresso por aquilo que Márcia Tiburi chama de “culto da mulher cadáver”, são questionadas. Assim, a análise complexifica a leitura fílmica ao mostrar as implicações metalinguísticas de um filme produzido por e para mulheres.

Em **Dobrar para desconhecer**, Diane Sbardelotto se vale do conceito deuleuziano de *dobra* para explorar algumas de suas modalidades. A artista reproduz a dobra em metáfora ao dobrar-se sobre si mesma: o corpo nu se confunde com a paisagem, como que brotando do solo. A dobra de nosso ser material é uma etapa do autoconhecimento, mas é também o *repli sur soi* que isola ao mesmo tempo em que preserva o sujeito.

A contribuição **A novela *Com meus olhos de cão*, de Hilda Hilst, à luz da paratopia**, de Clarissa Corban Brito Guerra, apresenta a própria obra de Hilst como um desafio ao cânone literário ao analisá-la sob a luz do conceito de *paratopia* de Dominique Mangueneau. O artigo centra seu estudo no personagem Amós, evidenciando suas características paratópicas (de identidade e linguística) em seu deslocamento e loucura/irracionalidade. Ao final, é sugerido um paralelo entre o caminho do personagem e o caminho de Hilst enquanto esta é uma autora de posição “não sustentável”.

Em **O corpo é a camuflagem: construções ficcionais de si na produção artística de mulheres nos anos 1970**, Isadora Mattioli percorre a obra de artistas brasileiras que questionam a representação do feminino em suas obras, respondendo às narrativas tradicionais e idealizadas da mulher, do seu corpo e da sua sexualidade. Recorrendo sobretudo à fotografia e ao vídeo, essas artistas se servem de seus próprios corpos para desafiar essas construções de gênero. O estudo crítico de suas obras se vale das contribuições teóricas de Janet Wolff e Jayne Wark.

Em **Lugares**, Christine Gryscek se serve de colagens para transitar por pinturas de mulheres realizadas através do viés masculino ao longo da história da arte. Aqui, a imagem representada adquire o estatuto de uma deformação. Obtêm-se aí uma crítica ao corpo feminino como objeto – sexual ou de adoração. As imagens-arquétipos fundem-se ao profano e ao monstruoso.

O artigo de Fercho Marquéz-Elul, **Sophie Calle: a imagem no fio de uma perseguição**, propõe examinar as práticas poéticas da artista francesa à luz de conceitos contrapostos como “público” e “privado”, “real” e “ficção”, “cotidiano” e “arte”, “conhecido” e “desconhecido”. Nele, somos conduzidas a um passeio por

multimeios, onde poesia, fotografia, performance e ação estão entrelaçados em uma perseguição tomada como projeto artístico, mesmo que reconhecidamente “sem sentido”. Revela-se, desse modo, a visão profundamente antiutilitarista da arte de Sophie Calle.

Igualmente explorando a relação entre poder patriarcal e o olhar, o artigo de Tuane Maitê Eggers, **Descolonizando narrativas sobre mulheres: a fotografia como potência**, explora as possibilidades de desconstrução de estruturas hierárquicas a partir do suporte fotográfico. De imediato, a autora sustenta uma perspectiva que é, ao mesmo tempo, interseccional e decolonial para tecer considerações acerca do papel da imagem como experiência de resistência. Para isso, nos leva a visitar os diferentes papéis exercidos pela fotografia: seja como narrativa (vide o trabalho de Nair Benedicto), aprendizado (a partir da obra de Graciela Iturbide), cuidado (com a série de Susan Meiselas) ou ativismo (com a fotografia de Claudia Andujar).

No artigo **Experiências de uma Riot Grrrl: Kathleen Hanna, feminismo, DIY e cultura remix**, Gabriela Cleveston Gelain, Milene Migliano Gonzaga e Pedrol de Assis Pereira Scudeller desnudam experiências da vida e carreira de Kathleen Hanna para abordar o papel das juventudes, e de suas manifestações culturais, na construção da terceira onda do movimento feminista. Assim, a vida da artista é transformada em narrativa feminista: desde os embates no universo *punk* até sua mudança para a música eletrônica, os temas da liberdade sexual e da não objetificação dos corpos das mulheres estão presentes.

Em **A rua é nossa: as intervenções urbanas do coletivo lésbiano Velcro Choque (Brasil) e as subjetividades libertárias**, Débora Machado Visini parte da experiência particular de um coletivo para discorrer acerca da ocupação dos

espaços públicos pela arte. Segundo a autora, a década de 1960 marca o ponto de virada cultural a partir do qual a arte no espaço público é ressignificada. As ações do coletivo Velcro Choque surgem no contexto da ressignificação e da potencialidade transformadora do “ativismo”, tendo por meio lambe-lambes colados em espaços urbanos (e digitais) e por temas o questionamento da normatividade heterossexual e a visibilidade lésbica.

Em **Auto-operação**, por Ana Paula da Cunha, a configuração engessante do sexo biológico é contraposta ao colorido das diferentes mídias e da tecnologia. O enfoque possibilitado pelo vibrante *neon* convida a repensar e a extrapolar o íntimo, ao mesmo tempo em que se atreve a sugerir uma reorganização dos corpos a partir de seus pequenos fragmentos.

O texto de Nastassja Saramago de Araújo Pugliese reflete sobre as consequências práticas impostas pelo trabalho de reescritura do cânone no ensino de filosofia em **Sobre o resgate de obras filosóficas escritas por mulheres e algumas implicações pedagógicas**. O artigo serve como diagnóstico e vacina para localizar e afastar a influência nefasta do patriarcado em nossas escolas e universidades. O texto da autora coloca o imperativo moral de construção da memória coletiva ao impor que a investigação filosófica não perpetue exclusões e silenciamentos.

Referência para citação desta apresentação

SCHMIDT, Ana Rieger; SEIXAS, Mitieli. Apresentação – Sobre memória e consciência. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 2, número 2, p. xi – xxv, novembro de 2020.